

**FREY APOLLONIO, UM ROMANCE DO BRASIL E SUA TRADUÇÃO  
BRASILEIRA EM 1992**

Patricia Cezar da Cruz<sup>1</sup> (UFPA)

Gunter Karl Pressler<sup>2</sup> (UFPA)

**RESUMO:** O romance Frey Apollonio, um romance do Brasil foi escrito pelo botânico alemão Carl Friedrich Phillipp von Martius em 1831. Após uma estadia no país, em que o autor conheceu de perto a Amazônia brasileira, escreveu o livro não somente como um relato de viagem comum à época, mas como um romance de formação. O personagem principal, Hartoman, alter ego de Martius, chega ao Brasil com uma visão extremamente eurocêntrica e preconceituosa contra o país e aqueles que o habitam, os índios, porém, após um período de convivência com esses autóctones em solo nacional, Hartoman tem sua visão parcialmente modificada. Se antes era extremamente eurocêntrico, essa visão é modificada pela convivência, em que seu desenvolvimento pessoal, intelectual e moral são desenvolvidos, conforme propõe o “romance de formação”. O romance “do Brasil” ficou inédito no Brasil e na Alemanha até 1967, quando o manuscrito original foi encontrado por Erwin Theodor na Biblioteca da Baviera. Depois dessa descoberta, a tradução brasileira de Erwin Theodor ocorreu em 1992, em lançamento simultâneo com a Alemanha. No século XIX, no Brasil, vigorou a vertente do Romantismo, cujos objetivos eram muito diferenciados daqueles que propunham o romance de Martius, inclinado ao Romantismo alemão, sobretudo na sua vertente de Iena, cuja ideia era de encontro com o outro, e no romance propõe não uma nacionalização mas uma desnacionalização. Assim, o romance de Martius não seria destinado ao público brasileiro, sedento por conhecer uma “Literatura brasileira genuína” em que fauna, flora e floresta eram exaltadas pelos autores nacionais sob alegação de serem símbolos do Brasil, elevando assim o país a um patamar de grandiosidade. Frey Apollonio, um romance do Brasil diz respeito às Letras nacionais por ser um romance que aborda o Brasil e tenta explorar o país, embora pelo olhar estrangeiro.

Palavras-chave: Romantismo alemão. Romance de formação. Martius. Brasil.

A Literatura brasileira obteve sua consolidação durante o período Romântico, com autores nacionais que buscaram, a partir da década de 1830, escrever o que acreditavam ser a fundação de uma ‘literatura nacional genuína’. Desde o lançamento

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários – UFPA.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPA.

de *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, marco do Romantismo brasileiro que para Wilson Martins (1978), Soares Amora (1976) e Luciana Picchio (1997) é discutível, o movimento em sua versão brasileira buscou abordar a tradição nacional em romances, “o melhor veículo para propagação de ideias” (ALENCAR apud COUTINHO, 1986), por autores como o próprio Magalhães, Teixeira e Sousa com o *Filho do Pescador* embora esquecido; Macedo com *A Moreninha* e principalmente José de Alencar com *O Guarani*, dentre outros nomes expressivos da época. Brasilidade significava a adoção da temática nacional, como o povo, a fauna, a flora e os costumes locais, desenvolvendo assim as cores nacionais numa literatura de identificação *nossa*.

Contudo, a Literatura nacional não se fez por si só. Ela surgiu estimulada por outras literaturas românticas, notadamente europeias, das quais adaptou o molde ao que era brasileiro. Uma das literaturas que muito contribuiu nesse processo foi a dos viajantes, principalmente daqueles que estiveram no Brasil do século XIX. Desde os escritores franceses, como Eduard Corbière, Theodore Taunay, Ferdinand Denis ou Gavet e Boucher aos alemães Langsdorff, Wied Neuwied, Spix, Martius e Gestärker (CANDIDO, 2007), a literatura nacional encontrou nesses autores um ponto de partida para escreverem sobre sua própria terra, sugerida a visão exótica da natureza explorada e contada por esses viajantes os quais vinham ao país para conhecê-lo ou estudá-lo:

América, essa nova parte do mundo apenas conhecida de poucos séculos atrás, tem sido, desde a época de seu descobrimento, objeto de admiração e predileção da Europa. A feliz situação, a fertilidade e a diversidade de seu solo, atraem tanto colonos e negociantes quanto pesquisadores científicos. (PRATT, 1999, p.17-54)

Além do interesse no Brasil por parte dos viajantes, é válido ressaltar que, ainda segundo Pratt, a chegada dessas comitivas tinham na realidade um fundo neocolonial, e não somente o objetivo de viagens despreziosas de lazer ou estudo.

Um importante viajante europeu que chegou ao país foi Carl Friedrich Filip Von Martius, botânico alemão interessado pelos assuntos brasileiros, convidado pela corte da Baviera a vir ao Brasil<sup>3</sup>. Aqui, durante uma estadia de 10 meses que se estendeu à Amazônia, Martius escreveu a *Historia Naturalis Palmarum-nova genere et species plantarum, quas in itinere per Brasiliam annis 1817-1820 suscepto collegit et descripsit*,

---

<sup>3</sup> No ano de 1815 o rei Maximilian Joseph I da Baviera solicitou à Real Academia de Ciências de Munique uma expedição à América do Sul na qual convocou, dentre outros nomes, o de Johann Baptist von Spix e de Carl Friedrich von Martius, ambos membros da referida Academia.

a famosa *Flora Brasiliensis*, que continha 20.733 páginas e apresentava a descrição de 22.767 espécies de plantas ( ROSENTHAL, 1992) e a *Viagem pelo Brasil 1817-1820* . Em 1845, Martius ganhou o premio do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com artigo denominado *Como se deve escrever a história do Brasil*, no qual fala sobre um país “que muito promete” (MARTIUS, 1845, p. 381-403) e dentre outras questões, abordava assuntos como o da miscigenação. Porém, Martius interessa neste trabalho com relação ao único romance que escreveu: *Frey Apollonio – um romance do Brasil*, inédito no país até o ano de 1992, quando ganhou a tradução em português por Erwin Theodor em lançamento simultâneo com a Alemanha (ROSENTHAL, 1992).

Na obra *Frey Apollonio – um romance do Brasil*, o autor escreveu um livro *a priori* contraditório, a começar de seu subtítulo, “um romance do Brasil”. Embora tenha ligação com o país a partir desse complemento, Martius o manteve longe do leitor brasileiro do século XIX, sem interesse de publicá-lo no período romântico, ainda que o tivesse escrito no ano de 1831 (ROSENTHAL, 1992). Ao observar o subtítulo em seu original em alemão, lê-se “*Roman aus Brasilien*”, que se traduz por “romance do Brasil”, no sentido do país como procedência, e não “*Roman von Brasilien*”, como “brasileiro” ou “nacional”. Portanto, não pareceu ser objetivo de Martius como autor abstrato identificar *Frey Apollonio - um romance do Brasil* como brasileiro, que se reforça ainda pela despreocupação do autor em convencer os leitores sobre sua brasilidade ou exaltar o nacionalismo no livro à maneira dos autores românticos nacionais. Antes o romance se aproxima de uma narrativa que, vinculada ao Romantismo alemão em sua ramificação que trata do universal, o de Iena, proporia, para usar os termos de Karin Lisboa, uma “desnacionalização” (LISBOA, 1993, p.345), uma vez que apresenta os personagens principais europeus; distribui as localizações geográficas do romance entre Brasil, Europa e Arábia, e os índios dos quais partem as principais ações da trama são incas. Assim, a brasilidade de *Frey Apollonio- um romance do Brasil* é explorada pela visão da alteridade, que demonstraria o país como um lugar cosmopolita, e não somente uma terra só de e para brasileiros.

Em um romance que oscila entre o que Karin Lisboa (1997) interpretou como pendular, cuja narrativa é ora homodiegética, ora heterodiegética, *Frey Apollonio – um romance do Brasil* se afasta da proposta brasileira de Romantismo no século XIX. Não se encontra nele um enredo que aborde o romanesco tão ao gosto do leitor nacional; tampouco são presentes os traços identificadores de brasilidade, como o índio no papel de herói ou a exaltação nítida da natureza, tema comum entre os escritores românticos

brasileiros. Não há um esforço do autor em demonstrar a tradição brasileira na intenção de “fundar uma literatura nacional”. Embora Martius se sentisse um “afilhado do Brasil” (ROSENTHAL, 1992, p.11) nasceu na Alemanha, e por esse dado do autor concreto retiraria o comprometimento do autor abstrato com o apelo e as características dos romances nacionais, e transferiria o entendimento de “Brasil” para a visão da alteridade, em que o país é visto e sentido pelo estrangeiro. Essa noção de autor abstrato aqui é importante pelo fato de que não se está apontando que, pelas origens do autor concreto, existiriam tais diferenças de entendimento do Brasil dentro do Romantismo, mas que, sendo abstrato, temos o que Schmid (2005) define como “níveis de comunicação”, em que o destinatário da mensagem é para quem intencionalmente ou presumidamente o autor se direciona, o “addressee”, no caso, os leitores alemães, uma vez que os aspectos do texto apresentariam uma identificação com esse público. No papel de autor abstrato, o autor se mostra pelo seu ato criativo no qual seu texto, com seus objetivos e subjetividades, para que posteriormente o público leitor faça sua reconstrução ao lê-lo.

*Frey Apollonio – um romance do Brasil*, escrito à maneira de *Os anos de aprendizado de Wilhem Meister*, de Goethe, é, como aquele, um *Bildungsroman*, romance de formação, termo primeiramente usado por Karl Morgenstern (SELBMANN, 1988), o qual é “uma das preocupações-chave do Romantismo alemão: a formação do indivíduo e o pleno desenvolvimento de suas faculdades” (NIVELLE apud VOLOBEUF, 1999, p.43) e, uma vez que *Bildung* é um conceito que vem do Classicismo, visa o aprimoramento das faculdades morais, intelectuais e espirituais, promovendo assim a harmonia da sociedade: “mediante a narração do amadurecimento de Meister, Goethe apresenta o ideal clássico da formação plena da personalidade” (ROSENFELD, 1997, p. 73). É dentro dessa noção de vivência e aprimoramento que encontramos Hartoman, personagem principal do livro. Ao sair da Europa para o Novo Mundo, ele será conduzido por um caminho de percepção, reflexão e crítica que resultará na modificação parcial de seu ponto de vista inicial eurocêntrico em relação à realidade que encontra. Após a convivência com os nativos, os eleva à mesma dignidade dos homens do Velho Mundo. Segundo Volobuef (1999), tal ponto de vista sugeriria ainda, pela variação de nacionalidades apresentadas (alemã, de Hartoman, italiana, de Riccardo e portuguesa, de frei Apollonio) uma possível convivência universal, cosmopolita, que se aproxima de uma das primeiras vertentes do Romantismo alemão: o *Jenaer Romantik* (Romantismo de Iena) mais aberto à ideia do contato com outras

nacionalidades, à exemplo, no século XIX, de August Schlegel na viagem que fez com Madame de Stéal pela Itália, França, Escandinávia, e Inglaterra cujo livro *De'Allemagne* “a literatura alemã, até então pouco conhecida e quase desprezada no mundo, entrou definitivamente no concerto das literaturas europeias” (CARPEAUX, 2003, p. 91). No entendimento de Karin Lisboa (1993), o romance apresentaria ainda uma sugestão de ‘desnacionalização’, uma vez que mostra os personagens principais europeus; distribui as localizações geográficas do romance entre Brasil, Europa e Arábia, e os índios dos quais partem as principais ações da trama são incas. Por outro lado, o romance posiciona-se contra a *Weltschmerz* (dor do mundo) do Romantismo alemão: na Amazônia, Hartoman diz: “Vós, que vos considerais os cansados da Europa, aprendei com minha solidão mais forte do que eu próprio e que acabaria por matar-se se tivesse de suportá-la para sempre” (MARTIUS, 1992, p.199). Embora Hartoman encerre o romance com um melhor julgamento da cultura brasileira, ele é europeu, e a Europa é a sua casa. Mas, de acordo com Montez:

Sem dúvida, discutir se Frey Apollonio é ou não brasileiro não é a questão principal. Mas esta afirmação não pode escamotear uma questão de fundo relevante. Trata-se da tarefa de investigar à luz das obras concretamente existentes o que realmente foi determinante na origem do romantismo brasileiro, e, no caso concreto de Martius, de se investigar em que consistiu o romantismo de Martius e em que medida ele está inserido no desenvolvimento literário no Brasil, isto é, em que medida ele determina e/ou é determinado pelo então nascente Romantismo brasileiro. (MONTEZ, 2006, p.6)

Como se vê, Montez propõe um estudo sobre as origens do Romantismo brasileiro, como ele se estabeleceu no país. A presença dos viajantes foi importante para que anotações e relatos de viagem trouxessem à luz questões ligadas ao país, mais particularmente a sua realidade tropical diferia muito da paisagem europeia a que estavam acostumados. Se os viajantes sugeriram aos escritores brasileiros abordar a temática de “Brasil”, e se Martius aproveitou a ideia para desenvolver seu próprio romance sobre o país, cabe investigação por que a recepção do romance se tornou inexistente no país no período romântico.

Karin Lisboa, ao contrário de Montez, não proporia uma investigação do Romantismo brasileiro com relação ao romance de Martius, mas afirma que Martius já

teria optado pelos moldes de outro romantismo ao escrever o romance: o alemão, a partir do fato de que o romance do naturalista é um Bildungsroman:

Em 1831, quando da terceira edição da *Reise in Brasilien*, Martius terminava o escrito de Frey Apollonio: ein Roman aus Brasilien, seu primeiro e provavelmente único romance. Essa obra, que assina como Siutram, anagrama de seu nome, aguardou mais de 160 anos para ser editada. Em 1992, ela vem a lume ao mesmo tempo na Alemanha e no Brasil, em versão traduzida. Conforme o editor e tradutor Erwin Theodor, Frey Apollonio pode ser compreendido como o “primeiro romance do Brasil, dentro e fora do país”, uma vez que este gênero, em sua forma apurada tenha chegado tarde por aqui(...) Theodor considera que o naturalista segue os cânones da literatura romântica, desvelando-se em sua obra como um genuíno Bildungsroman. (LISBOA, 2008, p. 117)

No Brasil, além da primeira edição da brasiliense em 1992, em 2005 a editora da imprensa oficial também publicou o romance com a tradução de Erwin Theodor, o que se pode verificar que se trata da mesma tradução. Frey Apollonio, como já dito, ficou inédito para o público brasileiro até o ano de 1992, quando foi publicado no Brasil simultaneamente com a Alemanha, pela editora brasiliense. Escrito em alemão gótico, coube ao tradutor Erwin Theodor Rosenthal decifrar os manuscritos encontrados na biblioteca da Baviera, por ocasião do centenário de morte de Martius e assumir a tradução inteira do romance. De acordo com Lênia Mongelli (1995), Erwin Theodor teve um primeiro contato com o romance no ano de 1967, manuscrito contendo 314 páginas, cuja leitura não era muito fácil.

O detalhamento do tipo de tradução utilizada por Rosenthal, valeu-se da tradução logocêntrica, ou da tradução multicultural; se como tradutor interferiu no texto original ou não; se reescreveu partes do romance são questões que ainda precisam de estudos.

A importância desta tradução de Rosenthal para o português não apenas descortina um romance “do Brasil” que ficou desconhecido do público leitor brasileiro como trouxe a verificação de que, antes mesmo dos escritores brasileiros como “O filho do Pescador” de Texeira e Sousa, de 1843, existiu um romance com enfoque do país, portanto, um primeiro romance do Brasil, porém sob olhos da alteridade, daí a importância desta tradução de 1992, a primeira em língua portuguesa, publicada com mais de um século de atraso.

## Referências

ALENCAR, Heron de. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio (dir). **A literatura no Brasil**. 3ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio; Niterói: EDUFF, 1986, v.3.p. 231-321.

AMORA, Antônio Soares. **O Romantismo**. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1976. (literatura brasileira), p. 43.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura brasileira**. Rio de Janeiro :Ouro sobre azul, 2007, p. 291-293.

CARPEAUX, Otto Maria. **A história concisa da Literatura alemã**. São Paulo: Faro editorial, 2003, p. 91.

LISBOA, Karin Macknow. A utopia da grande literatura: Frey Apollonio – um romance do Brasil? In: **Anais do XVII Simpósio nacional de História**. São Paulo, jul. 1993, p. 345.

\_\_\_\_\_, Karin Macknow. A utopia da grande literatura: Frey Apollonio – um romance do Brasil?In: **Anais do XVII Simpósio nacional de História**. São Paulo, jul. 1997, p. 86-136.

\_\_\_\_\_. Karin Macknow. **Da Expedição científica à ficionalização da viagem: Martius e seu romance indianista sobre o Brasil**. Disponível em [revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/download/91/91](http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/download/91/91) Acesso em: 25 set 2016

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978. v2. p. 259-260.

MARTIUS, Carl Friedrich von. **Como se deve escrever a história do Brasil**. Revista do Instituto Geográfico Brasileiro, 6 (24) p. 381-403.

\_\_\_\_\_, Carl Friedrich Phillip von. **Frey Apollonio** – um romance do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 199.

MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros.[Recensão crítica a 'Frey Apollonio - Um Romance do Brasil', de Karl Friedrich Philipp Von Martius] / Lênia Márcia de Medeiros Mongelli. In: **Revista Colóquio/Letras**. Recensões Críticas, n.º 135/136, Jan. 1995, p. 286-287.

MONTEZ, Luiz Barros. **Frey Apollonio, de Carl Friedrich Philipp von Martius. Ou como um “romance brasileiro” é, na verdade, uma “narrativa meta-histórica para brasileiros”**. Disponível em [http://www.lettras.ufrj.br/liehd/media/docs/art\\_luiz3.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/liehd/media/docs/art_luiz3.pdf)  
Acesso em: 30 set 2016.

MORGENSTERN, Karl. Über das Wesen des Bildungsromans (1820). In: SELBMANN, Rolf. (ed.) **Zur Geschichte des deutschen Bildungsromans**. Darmstadt : Wiss. Buchgesellschaft, 1988, p. 55-72 (Wege der Forschung, 640).

PICCHIO, Luciana S. **Historia da literatura brasileira**. Trad. Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 157.. Para a autora, a Revista da Sociedade Filomática, de 1833 é que seria o “verdadeiro berço do Romantismo brasileiro”.

ROSENFELD, Anatol. **História da literatura e do teatro alemães**. São Paulo: Edusp, 1997, p.73.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. Martius – seu único romance. In. **Frey Apollonio – um romance no Brasil**, São Paulo, 1992, p.VIII. Na Alemanha: *Frey Apollonio – roman aus Brasilien*, Berlim, 1992.

\_\_\_\_\_, Erwan Theodor. Martius – seu único romance. In. **Frey Apollonio – um romance no Brasil**, São Paulo, 1992. p.VIII.

SCHMID, Wolf. **Elemente der Narratologie**. De Gruyter, Berlin, 2005, p.35-37.

SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Carl Friedrich von. **Viagem pelo Brasil**, 1817-1820, p.34.

VOLOBUEF, Karin. **Frestas e arestas. A prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP(FEU) 1999.p;43.